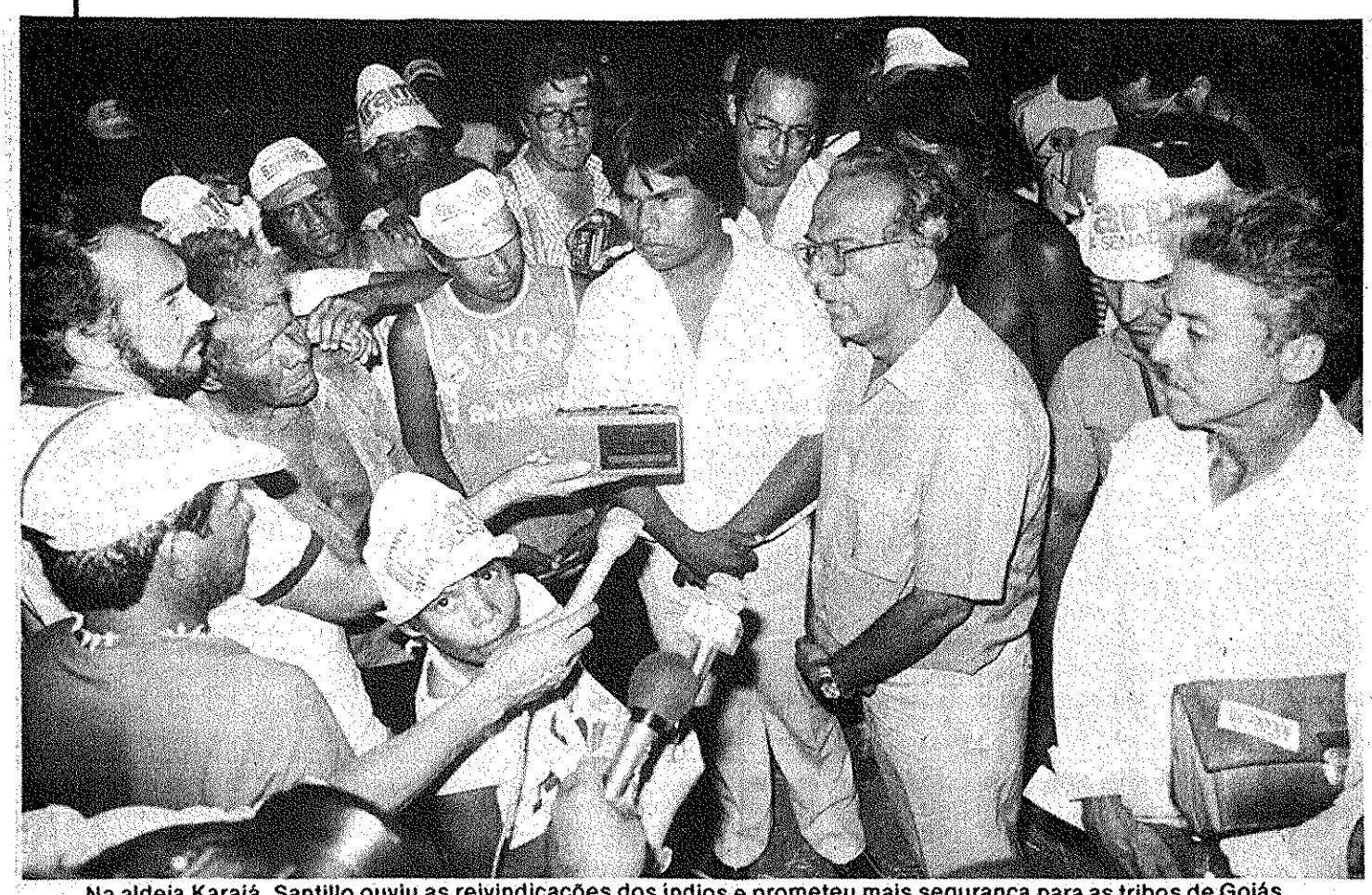
Acervo ISA


# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

**Fonte:** Correio Braziliense **Class.:** 634

**Data:** 15/08/86 **Pg.:**

Na aldeia Karajá, Santillo ouviu as reivindicações dos índios e prometeu mais segurança para as tribos de Goiás

# *Aldeia reclama contra o chefe do posto da Funai*

JOÃO PAULO BARBOSA
**Enviado Especial**

**Ilha do Bananal** — Arvorando-se em eminência parda da aldeia, sem ter contudo qualquer identificação com os índios, Roque Pinto de Sales, um baiano que deixou sua família em Brasília, chefia o Posto Indígena no Fontoura e tenta impor suas conveniências ao líder do grupo, cacique Uadiurama. O Aruanã preparado para o senador Santillo por pouco não se realiza. Roque alegou não ter sido avisado a tempo. Um índio o tachou de "pobre coitado, um bobo" já que o **Aruanã** é do cacique e não dele. Outro indivíduo, Machué, embora karajá, tentou sabotar a comitiva do candidato. Deitado no **batelão** — embarcação usada para transporte médio — da Funai ancorado em São Félix do Araguaia, recusou a buscar as pessoas que ficaram na Ilha, alegando "não gostar de Idjarruri". Só aceitou mediante promessas de "um agrado". Não conhece a tradição de seu povo, afirmando que o **Aruanã** — festa sagrada — "são uns palhaços dançando que nem os índios antigos".

### SENHOR

As funções de Roque como chefe do Posto Indígena são de dar assistência. Tem cinco funcionários sob suas ordens: um piloto de **voadeira** — lancha a motor — um atendente de enfermagem, um vaqueiro e duas professoras bilingües que ensinam português e dialeto karajá às crianças. Contudo, a assistência é precária. O posto não conta com serviço médico. Os acidentes mais graves, como o de um menino que teve um dedo amputado pelo disparo de uma arma que o dono usava na cartucheira, são atendidos em São Felix. Crianças com catapora e adultos com feridas semelhantes às provocadas por sífilis dispõem somente de uma pequena farmácia.

Roque proíbe fotografias na aldeia. Segundo ele é ordem da Funai. Não sabe explicar a razão, somente que é proibido. A reportagem teve que se valer da autoridade do cacique e do consentimento de cada índio em ser fotografado. Muitos corriam ou escondiam o rosto já que "o Roque não deixa". Indagado sobre por que agia como se ainda estivesse sob mando do regime militar, Roque disse que "a Nova República ainda não chegara ao Araguaia, um lugar esquecido para o qual será levado muito tempo até lembrar". Queixou-se de que sua casa estava sem água e que é obrigado a tomar banho no rio junto com os índios. Algumas índias que se banhavam nuas correram envergonhadas e se vestiram às pressas quando Roque se aproximou do barranco.

### NÃO PASSOU

Após apanhar o grupo na Ilha embora contrariado mas tendo ajudado a subida dos passageiros por uma tábua com cerca de 45.0$ de inclinação, Machuê instalou-se numa das mesas do bar existente acima do cais. Garrafa de cerveja na mão, desfiou suas queixas contra todos dizendo não gostar, principalmente, "dos missionários adventistas americanos". Disse que é sobrinho de um dos caciques mas prefere a convivência com brancos. O **Aruanã** para ele é uma brincadeira. Não gosta da terra. É barqueiro e vive nas águas. Não conhecia a lenda de **Kanachué** que passou os karajá das águas para a terra. Segundo ele, se acontecesse hoje "Machuê não passaria pelo espaço entre as águas e a terra de que fala a lenda. A barriga de cerveja e outras bebidas de branco não deixariam.

## *Tribos querem mais segurança*

**Ilha do Bananal — Em seu agradecimento à homenagem prestada pelos karajás, Henrique Santillo afirmou que sua preocupação é dar às tribos de Goiás— historicamente as donas da terra — toda a segurança e condição de vida autônoma estabelecendo, principalmente, condições de convivência harmoniosa com toda a comunidade.**

**"Os índios, "disse Santillo, "terão respeitados seu modo de vida, seus hábitos, costumes e direitos de cidadão". Ele fez questão de ir à aldeia acompanhado de seus companheiros Irapuan Costa Junior e Iran Saraiva, candidatos ao Senado, da mesma forma que tem percorrido todos os pontos do Estado para ter contato direto com a comunidade e inteirar-se de suas necessidades.**

**Uma delas envolve problemas de luz elétrica que só é possível com a utilização de motores instalados pela FAB em sua base aérea. A aspiração de Djarruri é que a energia venha do continente o que, segundo Santillo, poderá ser feito como uma de suas primeiras metas.**

# *Exigência é pela volta da terra*

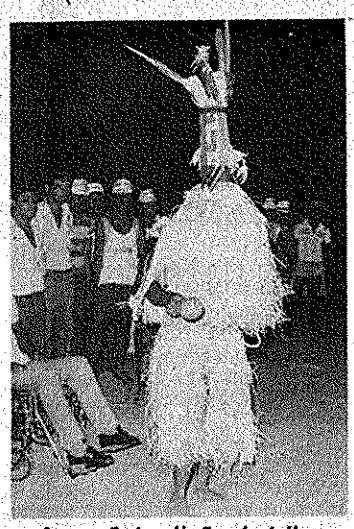
**Ilha do Bananal** — Sem ferir o respeito aos caciques, capitães e velhos das aldeias, Idjarruri Karajá é o líder político da Ilha do Bananal, passando por cima da prepotência e aspirações de mando do chefe do posto da Funai e atraindo antipatia de gente de seu povo que serve ao branco, como o barqueiro operador do **batelão**, que faz a ligação da Ilha a São Félix do Araguaia, no continente.

Culto, inteligente e com perfeito domínio do português, expressando-se sem sotaque, Idjarruri colocou para Henrique Santillo as pretensões de sua gente, falando em Karajá, em resposta ao discurso de Lucucú e dirigindo-se à comunidade. Na conversa com o senador traduziu as duas falas. Para ele, a questão fundamental é o reconhecimento das nações indígenas e a devolução de suas terras.

### TRADIÇÃO

Idjarruri afirma que a devolução total de seu território é fundamental para o índio. A comunidade indígena terá de ter sua posse sem que estejam alienadas como bens da União. Os índios querem ter vida autônoma, com direito a conservar suas tradições, língua, costumes e religião. A forma proposta na atual Constituição, que fala em gradual integração à sociedade dos brancos, não lhes interessa. Segundo Idjarruri este dispositivo fere a Declaração dos Direitos do Homem, da ONU, no que diz respeito ao direito dos povos primitivos de preservar seus costumes, tendo sua própria vida.

Juntamente com Marcos Terena (PDT-DF), Álvaro Tucano (PT-AM) Mário Juruna (PDT-RJ) e Ubiraci (PT-RO) — caso todos sejam eleitos — Idjarruri pensa "fincar a Bandeira Indígena na Câmara Federal independente do partido a que cada um pertença. Será uma luta pela causa indígena e que garanta sua sobrevivência. Com respeito a Reforma Agrária, Idjarruri diz que embora haja posseiros em terras indígenas não são eles os inimigos e sim os latifundiários. Os posseiros e bóias-frias sofrem da mesma forma que os índios. A Reforma Agrária terá de começar com a devolução do território indígena, trazendo definição que acabe com a especulação em cima delas. Episódios com a construção de uma estrada pela Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), rasgando matas pertencentes aos índios, — num crime ecológico — à revelia do IBDF e da Funai, não podem ser admitidos.



Aruanã: tradição da tribo

Idjarruri espera contar com o voto dos 4 mil índios de Goiás, assim como universitários e artistas. Entre os que o apóiam, sem caráter político mas unicamente o da causa indígena, estão Chico Buarque de Holanda, Fagner, Gonzaguinha e Vinicius Cantuária. Juntamente com outros artistas eles participarão de um espetáculo musical em Goiânia na primeira quinzena de outubro.

# *Candidato indígena recusa tutela*

**Ilha do Bananal** — O índio não aceita mais a tutela do branco, querendo impor seus direitos e manter suas tradições e cultura, pelo poder político. Quer ser dono de seu destino e considera a Funai "desgastada e desacreditada", conforme afirma Idjarruri Karajá, candidato à Constituinte que diz ter o apoio dos quatro mil índios goianos habilitados a votar. A Reforma Agrária tem de começar pela devolução ao índio das terras que lhe pertencem. A nova Constituição tem de trato-lo como ser diferenciado do branco, adaptando-se à Declaração dos Direitos Humanos.

Uma Frente Indígena, apartada de interesses partidários, esboça-se com a possibilidade de a comunidade ter cinco representantes na Assembléia Constituinte. O branco que não apoiar o índio em sua luta política perderá favores que lhe são prestados. Este o discurso, em dialeto karajá posteriormente traduzido, que o senador Henrique Santillo, candidato ao Governo de Goiás, ouviu de um cacique na visita que fez a uma aldeia karajá na Ilha do Bananal. Primeiro a visitar um grupamento de índios como senador e candidato, Santillo foi homenageado com o ritual "religioso e milenar" do Aruanã. Agradeceu a homenagem com a afirmativa de que o índio tem que ter respeitados seus hábitos, costumes e direitos de cidadão.

### FESTA

O local visitado por Santillo foi a aldeia Fontoura, uma das sete integrantes da reserva da Ilha do Bananal. Da área total de 2 milhões de hectares, 1 milhão e 300 pertencem aos índios, embora existam posseiros "tolerados" por eles. A aldeia Fontoura congrega 400 indivíduos e os eleitores em torno de 150. Houve uma tentativa de desviar parte deste contingente, assim como de outras aldeias, para Mato Grosso, separado da Ilha — território goiano — pelo rio Araguaia. A estratégia foi armada pelo prefeito José Liton, da cidade de Luciara, que alistou ou recadastrou karajás em sua cidade indo pessoalmente à aldeia. A ação foi detectada e o processo revertido, havendo somente uma minoria como eleitores mato-grossenses.

Somados ao restantes das aldeias — Canocinã, Itapirapé, Macaúba, Boto Velho, São Domingos e Santa Isabel — formam um contingente de dois mil eleitores. Conforme disse Idjarruri, da aldeia de Santa Isabel, todos "fecharam" com Santillo e ele próprio também. A decisão foi tomada pelo Conselho dos Anciãos, que ameaça os posseiros com a suspensão de favores caso não os acompanhem na votação. Segundo Idjarruri, que vem fazendo sua campanha não só entre os índios, como em universidades e meio artístico — além de seu povo e dos posseiros há fazendeiros entre os eleitores de Santillo. Os brancos da ilha e sua periferia, somados aos índios, formam contingente de 10 mil eleitores.

A homenagem ao senador foi feita ao luar. Fogueiras montadas para cozimento de cerâmica e Spots de emissoras de televisão que cobriram o evento ajudaram na iluminação. Quatro pares de índios com vestimentas de palha e ostentando cilindros rajados de diversas cores, dançaram o aruanã ao som de chocalhos e cânticos, batendo os pés descalços no chão de terra. A paramentação dos dançarinos foi feita numa choça de palha, não sendo permitida a assistência de mulheres. Três moças que estavam como repórteres foram delicadamente afastadas por Lucucú, capitão da aldeia, com poder de mando abaixo do cacique Uadiurama.

O Aranã evoca o aparecimento dos karajás na terra. Segundo a lenda, eles viviam nas águas, até que Kanachué conheceu a terra e gostou, achando que seria um bom lugar para seu povo viver. Voltou às águas levando frutos para convencer sua gente. Todos subiram das águas para a terra, a exceção dos barrigudos, que não conseguiram passar. Isto justifica o fato de os índios serem tipos esbeltos. Quem deu a explicação foi Idjarruri, que detalhou toda a cerimônia a Santillo. No final Lucucú fez a saudação em karajá, embora, como todos na aldeia — à exceção dos bem mais velhos — fale português de forma inteligível.